

# CAPITAL DA FELICIDADE

Ed Alves/CB/DA.Press



Pioneira e professora Cosete Ramos

Para a professora pioneira de Brasília, Cosete Ramos, que testemunhou e participou da construção da capital desde sua inauguração, em 21 de abril de 1960, a felicidade se desdobra em cinco dimensões cruciais. A especialista não apenas estuda o tema, mas se esforça para que a cidade seja satisfatória para os moradores. “Brasília, para mim, é a própria expressão da felicidade. Eu me sinto uma privilegiada, porque Brasília foi um sonho de toda a minha geração e foi um sonho que eu ajudei a construir.” Essa conexão profunda com o ambiente molda sua percepção da felicidade como um conceito tanto pessoal quanto comunitário.

A base do estudo de Cosete reside na identificação de cinco facetas diferenciadas da felicidade. A primeira é a felicidade como sentimento individual, uma experiência cerebral, intransferível. Ela a define como uma decisão pessoal e diária: “Eu não posso ser feliz por você, você não pode ser feliz por mim.” Essa perspectiva se aproxima dos filósofos estoicos, que defendiam que a felicidade depende daquilo que a pessoa decide colocar em sua mente.

A segunda é a felicidade como sentimento coletivo ou comunitário. Um exemplo é o movimento Brasília é capital da felicidade, criado em 2023 como contraponto à tristeza da pandemia. Outro é a cidade de Alegrete (RS), que abraçou a ideia após um convênio com a professora, mobilizando empresários, crianças, jovens e educadores.

A terceira é a felicidade como índice, como o Felicidade Interna Bruta (FIB), criado em 1970, no Butão, em substituição ao Produto Interno Bruto (PIB). O índice foi levado à ONU e inspirou a criação de um ranking mundial atualizado anualmente. A professora lembra que a Finlândia lidera a lista há oito anos, enquanto o Brasil está na 35ª posição.

A quarta é a felicidade como política pública. Nesse nível, a felicidade orienta a alocação de recursos e investimentos. Após o primeiro Congresso da Felicidade de Brasília, foi solicitado ao governador Ibaneis Rocha que patrocinasse uma pesquisa sobre o que faz o povo de Brasília feliz. A intenção é usar os resultados como base para novas políticas públicas, nos moldes do Butão, onde a população elegeu a cobertura verde como prioridade.

A quinta e última faceta é a felicidade como ciência. Trata-se de um campo consolidado em universidades como Harvard, Oxford, Cambridge e também na Universidade de Brasília. A chamada ciência da felicidade integra filosofia, neurociência e o estudo das emoções, e a professora destaca que esses elementos são fundamentais para compreender o tema.

## Ações e impactos

Os projetos voltados para a felicidade, iniciados em Brasília durante a pandemia, tiveram grande

impacto na comunidade. O Primeiro Congresso da Felicidade, em 2024, contou com o apoio de autoridades e sociedade civil, reuniu cinco mil inscritos e trouxe ao Brasil especialistas internacionais, incluindo o ministro da Educação do Butão.

Além do congresso, surgiram concursos em diferentes áreas. Nas escolas públicas, estudantes foram convidados a desenhar “o que é uma escola da felicidade”. No campo cultural, houve um concurso de arte sobre Brasília, vencido pelo ilustrador Renato Palé, e também um festival de rock que recebeu mais de 85 músicas inéditas.

Para Cosete, Brasília em si é um catalisador de

felicidade. Por ter acompanhado o crescimento da cidade desde 1960, ela afirma: “Eu me sinto feliz só de ter tido a maravilha de ver Brasília se desenvolvendo aos poucos, crescendo e se tornando culturalmente poderosa.”

Ela conclui que a cidade, com sua diversidade cultural, sua música, como no Clube do Choro, e seus espaços públicos, como o Parque da Cidade, oferece condições para que cada pessoa encontre seu próprio caminho. “A felicidade está dentro de você. Você a deixa sair, ela inspira a sua vida, ou ela não inspira se você não a deixar sair.”